

“AMASONHA”, MULHER

Ângela Rocha dos Santos
ufpangel@yahoo.com.br

Chamam-te, inferno verde.
Chamam-te, paraíso perdido.
Chamam-te, cobiçam-te.
Oh, terra mulher de riquezas e teor exacerbado.

Mulher, chamada Amazônia.
Tu és mãe cabocla, guerreira e mítica.
Tu és jóia rara, que injetam na veia.
Talvez, o mercúrio ou o sangue contaminado pela coca.

Mulher, chamada Amazônia.
Teus filhos por ti chamam
Teus netos por ti clamam
Madrinha da América Latina.

Não deixais órfã, a tua geração
Como o indigno Pai o fez- “Amasonha”!
Para seus fins escusos FMInistas,
Não deixais, ó mãe, Tio Sam “passar a mão”.

Em tuas artérias águas-doces: Tapajós, Xingu, Amazonas e Araguaia.
Emana a mitologia vigente
Do boto, cobra grande, mãe d’água
Nos suscita a lembrança e a identidade de nossa gente.

O desespero e a esperança, o ódio e o amor
Em teu coração palpitam também a dor
Dos teus filhos, Chico Mendeanos, silenciados
E, dentro do teu ser vozes ecoam: filhos amados!

Somos teus filhos bastardos.
Somos teus netos adotados.
Sofre as lembranças que em mente existem
De hematomas da violência e roubo que na vida persistem.

Ó, sonha Amazônia.
Acorda-te, não te prostitua, não morra
Ama não é bordel, não é zona
De freguês americano que sonha.

A famosa política do “big stick”
A Amazônia para os americanos
Mas, a Amazônia não é para ti, insano
A Amazônia é para Amazônia.

Da mesma forma, o pirarucu é para o rio e sua gente
O açaí, o tacacá, o boi-bumbá, o carimbó, a procissão de Nazaré
São para tu, ó Mãe mulher
Que ensinaste o homem e o índio a sobreviver, e agora clama o direito de paz a viver.